

actidade do membro do Conselho Fiscal ⁽²²⁾
da Coop. de Ramalde que humilhou e
frontou a Coop. de Aldoar, e que um
tirado visto haviam cortado toda a espé-
cie de relações com Ramalde.

Ita e só isto foi o que se disse na
assembleia, se mal não interpreto o
terceiro parágrafo da obscura carta.

Vejamos primeiro o corte de relações.
admittindo que o secretario do Conselho Fis-
cal de Ramalde tivesse ofendido os re-
presentantes de Aldoar, o facto do Presi-
dente da Direcção de Ramalde ter conor-
dado como a réplica que elles lhe deram
ilibrava immediatamente Ramalde de
quaisquer responsabilidades que justi-
ficassem a quebra de boa amizade.

Agora confronte o leitor este ofi-
cio com o extracto da acta, que adiante
se dá e veja se apenas se tratou na
assembleia do caso do autor da humil-
hação e directa consequência, ou
se o corte de relações.

Quem falou verdade, eu, ou o autor da
carta anônima? Terei porventura exage-
rado? Pelo contrário...

x
A Coop. da Arvelhida, informado também
pelo seu delegado pediu explicações a Aldoan
sobre uma afirmação feita na Assembleia
que além de ~~falsa~~ ^{ser} desprimorosa ^{na} ~~partida~~
~~de~~ de uma sociedade congênera, era falsa.

Houve entre as duas Coops. uma troca
larga de correspondência, a que eu fui
dado, totalmente alheio, embora de ~~algos~~
Alves houvesse me informado uma ou
outra vez da marcha do assunto. Até
que um dia, assistindo a sessão de arrolar
me telefona a informar que a Coope-
rativa de Aldoan ameaçava a Arvelhida
de a levar ao tribunal se não apresentasse
provas das suas afirmações. Foi-me
recomendado ao verificar que as coisas não ti-
nham sido postas desde logo com to-
da a brevidade, buscando um qualquer
circunstanciamento a origem, eu referi o
delegado da Comissão que assistiu à

5/8/950 (Doc No 11)

Como me immediatament
à launtives assembleis d'Albora en
reduz a exento, conforme me foi promi-
tut, o que ali veis e o veis, no inter-
cabo de publicament desagravar a
ideia cooperativista tao impune-
ment, metthetoda naquels sessos.
Vocè e Magalhães consideraram pro-
prio, e temporaneo o meu pro-
prio, aconselhando a que se deci-
sasse para mais tarde, depois de
outras Cooperativas se terem promun-
cadas sobre a constitucão de U.C.
N. em que estavamos empesba-
dos. Confornei-me; e, embora
entendesse que se devia atacar
desde logo o assunto, sem contin-
gencias, que, como se provaria
com o Percis, volundariam
meu desastre.

Sem tempo para lhes



o meu rebato, nem tanto estey
so, limitei-me a fugir. Heo
algumas das paragens mais
sabentes do discurso do tres
oobros. E entre varias citei-lhe
esta, curiosa sem conta de
divida, confusao ou delirio de
boca do 3.º orador da reunião.

Dr. Carlos L. Pombal: "Quem es-
ta a frente da Uniao (ou futura
Uniao)? A coop. da Arabida,
uma cooperativa falida. Terão
cuja conta do ano passado, a favor
de estarmos em Uniao ainda não
foam apresentadas! Nós não
pensamos da ajuda nem do
conselho de tal gente!"

E fra aqui fora, conforme
se veia no trabalho que a esse
tempo tracei a lume, para com
peito esclarecimento.

Porventura houve recebido a
mas ou a menos, nas reproduções
que lhes fiz. Em apenas registei
no momento uma ou outra pa-
lava que me viesse de quão pa-
ra imediatamente deltar todos
aquilo por ter. Mas garantindo
lhe a absoluta autenticidade do que
aqui lhe repito. De nenhum ponto
não houve nem deturpação, nem
sequer exagero. Foi isto, pala-
va a mais, probava a menos
o que o sr. C. L. P. disse em voz
que todos os presentes ouviram
como eu ouvi. Se o sr. Presi-
dente do Juizado e do Conselho
al se não recordam, isso não
é corrigido. E se o sr. C. L. P. os não
assim, amavelmente corrigam
a paternidade de tais frases,
também não é de nenhum con-
ta. O que lamenta é que

